



ALLEMANHA — CIDADE DE PRAGA.

PRAGA (em bohemio *Praha*; em allemão *Prag*) situada em 50 graus e 5 minutos de latitude N. e 32 graus e 5 minutos de longitude E., assente sobre varias montanhas, ao longo das margens do Moldau, é uma das cidades mais antigas, mais ricas e mais pictorescas da Allemanha. Antiga capital do reino de Bohemia, Praga divide-se em quatro grandes bairros, cada um distincto pelo nome e physionomia particular: na margem direita do rio, *Allstadt*

ou cidade velha, e *Neustadt*, ou cidade nova; na margem esquerda *Kleinseite* e *Hradschin*. Estes bairros communicam e ligam os uma ponte magnifica, começada em 1358, no reinado de Carlos VI, e concluida sómente nos primeiros annos do 16.º seculo, durante o governo de Ladislau II. Consta de dezeseis arcos, e mede em comprimento 520 metros. Custou 170:000 florins. Tem em cada uma das extremidades uma torre; a que olha para o lado da

VOL. III. — 3.ª SERIE.

JULHO 22. 1851.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIENSES

cidade velha (vide estampa) conserva ainda uma parte das esculpturas de que era ornada, bem como as armas de todas as nações com quem a Bohemia tinha outr'ora alliança. A cortina da ponte é decorada de vinte e oito estatuas colossaes, entre as quaes se distingue a de S. João Nepomuceno, padroeiro da cidade. Todas estas estatuas foram erigidas no 18.º seculo.

Abaixo da sua ponte monumental os edificios mais notaveis de Praga são o da universidade (fundada por Carlos IV, imperador de Allemanha, e que chegou a ser frequentada pelo espantoso numero de 60:000 estudantes!) o palacio do municipio e o antigo palacio real.

Além d'estas construcções, realmente dignas de fixarem a attenção do viajante, contam-se na capital da Bohemia 92 igrejas, 68 palacios, e 8 synagogas. A população calcula-se ser superior a 75:000 almas, comprehendendo 9:000 judeus.

Esta importantissima cidade tem representado um papel eminente nos annaes da Allemanha: junto e dentro de seus muros se pelejaram por varias vezes sanguinolentas luctas, tendo por motivo já as questões politicas em que o imperio se achou empenhado, já as, sem duvida, mais terriveis dissensões, provocadas pelas doutrinas de João Huss e Jeronymo de Praga, Calvino e Luthero. Hoje entrega-se com prospero successo ás artes, que a paz faz nascer e fructificar. Praga é séde de um arcebispado, e hoje pertence ao imperio de Austria, como o reino de Bohemia.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES METHODOS DE ENSINO DO LER E ESCREVER.

JERONYMO SOARES BARBOZA.

« Não seria uma das peiores applicações a que se fizesse da esmola que a junta da fazenda da universidade costuma fazer todos os annos pelo Natal e Paschoa, o empregar toda esta somma ou a maior parte d'ella em comprar, para estas escolas, tinteiros, pennas de lapis e de escrever, regoas, costaneiras de papel, e ainda algumas selectas dos auctores classicos, e entregar tudo ao visitador para distribuir como premios nas escolas da comarca aos meninos de esperanças, pobres e que fazem diligencia para aprender sem terem os meios precisos para isto. E se para fazer esmola, é preciso pedil-a: eu como Jeronymo Soares, e como visitador me offereço a fazer na occasião este requerimento em nome e a favor do bem publico e da pobreza laboriosa; e estou bem certo que á vista do painel terno que eu traçar das necessidades publicas da parte mais indigente do povo, e mais interessante ás rendas da universidade; e da melhor applicação da esmola, a que estão obrigados os que a dão: todos os senhores deputados da junta hão de julgar por mais bem entendida esta applicação que a ponto, do que a que se faz da dita esmola em soccorrer sim pessoas pobres, mas d'esta cidade, que n'ella tem outros muitos recursos, e meios de subsistir do que as gentes pobres do campo e das aldeas, outro sim porque a esmola que se faz para a boa educação popular é mais bem entendida do que a que tem por fim o soccorro das necessidades corporaes.

« Não ha porém escolas, em que o methodo d'ensinar seja mais vicioso, e necessite por isso de mais providencias, do que as de ler, escrever e contar. Primeiramente é um principio bem trivial de todo o methodo de ensinar: que se deve sempre ca-

minhar do que é mais facil para o que é mais difficil, muito principalmente tratando-se dos primeiros conhecimentos e com creanças a quem se deve aplanar o caminho, quanto for possivel, e tirar-lhes todos os tropeços e abrolhos desnecessarios. Não se pode negar tambem que a letra de mão é mais difficil de se conhecer e ler que a typographica. N'esta os caracteres dos signaes litteraes são sempre os mesmos, são só os essenciaes e sempre uniformes. A figura de uma letra representativa de um som, fixada uma vez na imaginação da creança, não se desvanece facilmente. A figura de uma letra representativa de um som, facilmente, em qualquer parte que a encontre, a reconhece logo porque é identica. Não succede o mesmo na letra de mão em que os caracteres essenciaes vão confundidos a cada passo com os rasgos de mero capricho tão differentes como as mãos, que os lançam. Os caracteres essenciaes de cada letra não são tambem sempre os mesmos, porque os accidentes differentes da mão, da penna, e do habito do escriptor os diversificam até o infinito, de sorte que uma creança sente um grande trabalho, e gasta infinito tempo para discernir o que é essencial na letra, do que é accessorio. As figuras tambem nem sempre são uniformes; porque a escripta cursiva conhece muitas de uma mesma voz e articulação. Não fallo já nos travados e abreviaturas da letra cursiva, que devem embaraçar muitos espiritos curtos quaes são os de todos os meninos. Accresce a isto acostumarem-se os olhos d'estes a formas estramboticas, irregulares, desiguaes e feias das letras; á desproporção das mesmas entre si; ás torturas das regras; á pessima orthographia, o que certamente não é um bom preparo para depois os ensinar a escrever de outro modo. Comtudo contra todas estas razões prevaleceu de ha muito tempo o methodo de ensinar a ler nas escolas por traslados maus da mão do mestre, por cartas familiares manuscriptas, por autos e sentenças de letras differentes e todas pessimas, e muitas vezes illegiveis; e depois por livros impressos.

« O methodo deve ser justamente o contrario. Devem aprender a ler por letra impressa, tanto redonda como bastarda. Depois de estarem bem correntes n'esta leitura, ensinál-os a escrever na forma da letra bastarda impressa a que já estão costumados, e que é a mesma cursiva com pouca differença, e só por fim é que se lhe devem metter nas mãos os abecedarios e escripturas de mão, fazendo-lhes reconhecer nas letras d'ellas os caracteres essenciaes das que já sabem sem se embaraçarem com tudo o que é de mero capricho. Como já estão firmes na leitura da letra boa, e costumados a vel-a e a formal-a, em breve tempo comprehenderão a de má, que já lhes não fará outra impressão senão a desagradavel de a estranharem, comparando a escriptura má, com a bella, com que primeiro foram criados. Com este methodo, a todas as luzes melhor, abrevia-se, pelo menos metade, o tempo que as creanças gastam agora nas escolas a aprender a ler pelo methodo antigo.

« Outro defeito do methodo vulgar é o dos abecedarios, formados todos segundo o modelo do usual, vicioso, que, posto que se deva conservar tal qual é para outros usos; para o de ensinar a ler não se deve tolerar de nenhum modo, porque é falto de muitas vozes, e articulações da nossa lingua; porque é sobejo de outras; porque é indigesto pela confusão das vogaes com as consoantes; porque é desordenado pela má disposição e serie d'estas, contraria á ordem natural da sua mesma geração; porque enfim é de uma pessima nomenclatura, e opposta muitas vezes ao valor das mesmas letras. Os syllabarios da mesma sorte são summamente defeituosos.

São mais em tresdobro as syllabas portuguezas, que os rapazes ficam ignorando, do que as que aprendem pelos syllabarios dos mestres, ainda das artes, os mais copiosos. A regra de Quintiliano — *Syllabis nullum compendium est: perdiscendæ omnes* — passa para com todos os methodistas por um axioma demonstrado pela razão e experiencia. Toda a syllaba, que as creanças não aprenderam nos syllabarios, lhe é de um grande embaraço depois na leitura; a qual por isto vae toda cheia de tropeços, e de gagueijos, a que, costumados, não se corrigem depois facilmente.

« Finalmente para passar por muitos outros defeitos, e me cingir só aos mais capitaes, o methodo de soletrar usado universalmente nas escolas de Portugal é viciosissimo. Soletrar não é outra cousa mais do que compor uma syllaba, resolvendo-a em seus sons elementares, e recompol-a outra vez, ajuntando-os em uma só emissão, e está claro a todas as luzes que na decomposição não devem entrar nem mais nem menos, nem outros sons senão os que entram na composição da syllaba, e sob pena de estar enganando a todos os instantes os innocentes, e querel-os fazer ludibrio perpetuo das preocupações e abusos. O methodo vulgar de soletrar aparta-se todo d'esta regra. Rara é a syllaba que se ensina a pronunciar junta com metade dos sons que se lhe mettem na sua soletração; o que deve embaraçar grandemente a primeira idade, que é mais consequente do que se pensa. Deve-se pois largar inteiramente este methodo e adoptar o recebido já em todas as nações civilizadas, proposto primeiro por Mr. Arnaud, explicado e aperfeiçoado depois por Mr. Launay, que é nomear as letras pelo seu mesmo valor, e não fazer entrar na soletração de qualquer syllaba outros sons senão os que entram na composição d'ella. As creanças chegam com muito tempo e custo a aprender pelo methodo vulgar, porque são pacientes, e não tem ainda reflexão. Porém todos assentam que as inconsequencias d'este methodo seriam um obstaculo invencivel para aprender a ler, pretendendo-se ensinar por elle homens de juizo já formado, e capazes de perceber a incoherencia dos seus processos e dos resultados. »

J. M. LATINO CORELHO.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

XIX.

VELEJEMOS para Mossamedes. Fique pela pôpa o *Sombreiro*; a enseada dos *Mónos*; a bahia *Farta*; as *Salinas*, ponto bem conhecido, mas de difficil desembarque; a bahia da *Torre*, a angra de *Santa Maria*, e suas altissimas montanhas ao longo do mar; o rio *Padrão* e o ilhéu do *Pina*, dous elevados picos, que destacam da terra baixa, que corre para o sul até á angra do *Negro*; finalmente eis-nos em *Mossamedes*, o *lille fish bay* dos inglezes.

Se o leitor não quer fazer por mar este trajecto de Benguella a Mossamedes, acompanhe-nos por terra, que temos para guia a viagem do major Garcia pelo sertão, de que eu tomei apontamentos nas conversações que com elle tive. Crêmos que será isto mais agradável ao leitor do que um relatório official, que quando não é mentiroso, é, pelo menos, quasi sempre exagerado.

Depois diremos algumas palavras ácerca d'esta nova colonia, do estado em que a conhecemos, e dos progressos que tem feito em treze annos.

XX.

Partindo de Benguella com direcção a Huila, percorrem-se quinze ou dezeseis leguas de terreno arido, sem vegetação nem agua. São dous dias de marcha em rêde, ou mais de tres a pé. Depois encontra-se o rio de S. Francisco (os negros chamam-lhe *cuparólo*) cujas margens são cobertas de arvoredos; e o terreno começa a ser vegetal até ao nosso prezidio de *Quilengues*. Antes porém de chegar a este logar, encontra-se outro rio, o *Nimbo*, que, juntando-se ao de S. Francisco, vem confundido com elle desaguar nas Salinas ao sul de Benguella. No tempo das cheias torna-se difficil a communicação entre as suas margens, e por falta de barcos, atravessam-n'o os negros agarrados ás caudas dos bois. Seguindo a riba esquerda do rio *Quitonco*, chega-se com sete dias de jornada ao prezidio de *Quilengues*. Este paiz é sadío, em geral, o que os europeus não supõem; são apenas vulgares ali as inflammações de olhos; e é tal a fertilidade do seu clima que produz todos os generos da America, como pequenas experiencias tem mostrado. A cultura porém está em total abandono; a provincia de *Quilengues* participa da sorte geral de todas as nossas colonias. O prezidio está situado sobre uma montanha, entre dous rios; tem uma fortaleza de madeira, com quatro baluartes de entulho e quatro fortins exteriores, que communicam com a praça; foi concluida em 1835. Um chefe portuguez, com 30 soldados de linha, uma companhia movel, e 4 bocas de fogo, eis toda a defeza d'aquella posição sertaneja. Entre os habitantes encontram-se alguns homens brancos.

De *Quilengues* a *Huila* ha cinco dias de marcha (quarenta leguas), quasi tudo deserto; porém, ao cabo d'esta penosa viagem, encontra-se um paiz saudavel, temperado, cortado de riachos de excellente agua, aonde até, na estação invernosa, chega a nevar. D'aqui ao *Jau* são tres leguas de terreno fertil; e o caminho que até ahi fôra, proximamente, ao SSE., começa a declinar para o SSO. até *Faiôna*, e de lá para Mossamedes segue quasi a oeste. Saíndo do *Jau*, desce-se o grande despenhadeiro de *Quiácuto*, todo matizado de arvoredos, com muita urzella; depois estende-se uma grande planicie, fertil e amena, aonde, por muitos dias de caminho, se encontram rios, arvores de fructo, e innumerado, até chegar a *Faiôna*, que é uma povoação importante d'aquelles sertões. D'ahi para o poente o terreno torna a ser arido, e apenas se encontra arvoredos ao aproximar de um rio, que vae lançar-se na bahia de Mossamedes. Ao sul d'este ponto estende-se um mar d'areia.

XXI.

O clima de Mossamedes, isto é, do logar em que está a residencia do governador, a fortaleza e a igreja (incompletas) e algumas barracas de moradores, é saudavel, e até pouco quente, porque quotidianamente sopra ahi uma viração agradável; mas logo na extremidade da bahia, para o norte, se encontram sitios doentios nas margens do rio dos Mortos.

Por fins do anno de 1840 aportei eu a Mossamedes. Haviam apenas ali algumas palhoças, em uma das quaes morava o commandante do prezidio, e estava começada a fortaleza de S. Fernando. Foi a guarnição do nosso brigúe que levantou a primeira casa de pedra e cal n'aquelles areas, e que cultivou com successo uma pequena horta, perto do rio, a qual todavia foi fatal a muitos dos agricultores.

Hoje é differente. Com a chegada dos colonos de Pernambuco em 1849, e ultteriores providencias do

governo da metropole, tem não só crescido consideravelmente o numero de habitações, e o commercio de marfim, gado, urzella, cêra, e gomma copal com o interior, mas as communicações com o sertão tem-se tornado mais frequentes, e os proprios colonos avançam as suas plantações de assucar, algodão e mandioca até 35 leguas distante de Mossamedes com feliz resultado; o café é que não produz bem n'este terreno.

Crêmos que, com algum sacrificio da parte da metropole, para se desenvolver em maior escala a colonisação, e prudencia nos meios de a encaminhar, por parte do governador do districto, se tornaria este ponto de grandé importancia agricola e commercial, util a si e a nós todos.

Não é aqui lugar de desenvolver as idéas de colonisação com brancos, não *degradados*, porque seria longo, e provavelmente não passaria de uma repetição do muito que já se tem dito sobre o objecto; é porém de absoluta necessidade que, entre as oppositas opiniões de tantos que tem visitado Mossamedes, se escolha a que merecer preferencia; e se essa for favoravel ao progresso da colonisação, o governo empregue a maior energia em fazer desenvolver na maxima escala possivel a agricultura d'aquelles fertes sertões, por onde se chega ao Jau e á Huila, e aos nossos saudaveis prezidios de Quilengues e Caconda, muito mais depressa e por melhores terrenos, do que partindo de Benguella, que era até agora o centro do commercio d'aquellas paragens.

É este um objecto digno da maior attenção dos governantes.

XXII.

Vou terminar estas noticias de Africa, reminiscencias dos tres annos, que por ali vagueei. Grande parte d'esse tempo estive em Loanda, porém fui cinco vezes a Benguella, duas a Mossamedes, duas a Novo Redondo, e uma ao Ambriz, afóra os cruzeiros na costa, durante um dos quaes apreizamos o patacho *Nereyda*, que se destinava ao trafico da escravatura. O capitão e o piloto d'este navio, tendo sido encarcerados na fortaleza de S. Miguel, d'ahi fugiram com a sentinella da prizão e o cabo da guarda!

Fóra de Loanda não ha diversões. No resto da provincia, ha apenas os grandes jantares e ceias, tantas vezes fataes aos convivas! Na capital ha algumas reuniões, e se não fóra a intriga que reina sempre entre os bandos rivaes de commerciantes, podia ser um lugar de agradável residencia. São poucas, é verdade, as mulheres, tanto europeas como nativas, que ahi se encontram, e que se possam chamar de *boa sociedade*, e a falta d'este elemento civilizador não deixa amaciar a grosseria dos costumes africanos, e torna menos attrahente para o europeu esta bonita cidade; porém, se não fóra a intriga, e quasi sempre a prepotencia das auctoridades, ainda assim Loanda seria um lugar de grata recordação para o forasteiro.

.....
Agora, vamos collocar toda a largura do oceano entre estas paragens e as que vamos demandar. A America nos convida a encetar debaixo de seu gigantesco arvoredado a segunda parte d'este trabalho, tão humilde, quanto despido de pretensões. Se a alguém agradou o que escrevemos ácerca da Africa, não lhe desagradará por certo este novo passeio pelas margens do rio da Prata, pelo imperio do Brazil, e ilhas dos Açores; se porém não merecemos a complacencia dos leitores só nos resta lamentar a nossa *gaucherie*, o papel que inutilisámos ao *Panora-*

ma, e o tempo que roubamos aos mesmos pios leitores.

(*Continúa.*)

F. M. BORDALO.



THOMAZ GUY.

THOMAZ Guy, filho de um pobre carvoeiro de Southwark, arrabalde de Londres, nasceu em 1643. Quando ainda era muito moço empreendeu o negocio de livros, abrindo um insignificante estabelecimentosinho na cidade. A poder de industria e de economia foi medrando em cabedaeas a ponto tal que poudes entrar em vantajosas transacções, que lhe proporcionaram as guerras que tiveram lugar no reinado da rainha Anna, crescendo desde esse tempo a sua fortuna n'uma proporção espantosa. Foi então que este homem extraordinario revelou ao mundo, que lhe chamava miseravel avarento, os dotes da sua grande alma, fundando em Southwark um hospital, que ainda existe, e tem o seu nome, outro em Tamworth, no condado de Stafford, e ampliando e dotando o de S. Thomaz. Só com a edificação do primeiro dispendeu 138:292 libras esterlinas. Por sua morte, acontecida em 1724, legou um rendimento de 400 libras aos directores do hospital de Jesus Christo para sustentação de 4 creanças desvalidas, e o de 1:000 libras para applicar em beneficio de quatro presos por dividas em Londres, e nos condados de Middlesex e de Surrey.

Não esqueceu em seu testamento nenhum dos seus parentes: a cada um dos mais necessitados legou uma pensão vitalicia de 870 libras, e aos mais moços, assim como aos seus testamentarios, perto de 80:000 libras!!

Mas ao mesmo tempo que se mostrava com os infelizes tão liberal e magnifico, era consigo mesmo de uma mesquinhez incrível. Nunca convidou pessoa alguma para o seu jantar, que sempre constava de um unico prato, servindo-lhe em guisa de toalha qualquer papel impresso e inutil! Conta-se que succedera com elle a seguinte anedocta. Uma noute de inverno, estando a meditar, ás escuras, diante de

duas ou tres brazas, entaladas entre quatro tijolos, batem-lhe á porta. O bom Thomaz accende uma vela, e abre. Era Vultur Hopkins, famoso avaro que Pope perseguiu e immortalisou nas suas satyras. « Que quereis? » pergunta Thomaz Guy. « Pedir-vos alguns conselhos sobre economia, » responde Hopkins. « Pois como vindes unicamente conversar, » replicou o Thomaz, « é escusado luz, » e apagou a vela! . . .

Thomaz Guy, cuja memoria deve de ser abençoada pelos pobres e desfavorecidos da fortuna, de quem foi tão grande bemfeitor, falleceu em 1724, com oitenta e um annos de idade.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXVII.

Albergaria da Gafanhoeira.

NA Ribeira da Vide, freguezia de S. Pedro, havia já no seculo 13.^o, além das herdades aforadas aos herdeiros do reguengo do mesmo nome, uma notavel povoação. Os moradores d'ella, levados das idéas e das necessidades do seu tempo, instituiram a exemplo de outras terras uma albergaria para pobres e peregrinos. A mendicidade, já filha da verdadeira indigencia, já das peregrinações religiosas da christandade, requeria um remedio radical, ou pelo menos palliativo. Acudiu-se-lhe com os hospitaes e albergarias. Chamou-se esta nossa albergaria da *Cafanhoeira*, ou *Gafanhoeira*, sem duvida por se receberem n'ella os *gafos*, isto é, leprosos; pois bem sabido é quanto era frequente a lepra n'aquelles tempos. Da albergaria se communicou o nome á freguezia, que ainda hoje se intitula de *S. Pedro da Gafanhoeira*.

O regimento ou compromisso d'esta albergaria conserva-se registado n'um pergaminho coevo, que verdadeiramente contém tres documentos; a saber: um fragmento latino, e dous textos portuguezes, que ambos em substancia repetem o mesmo (1). Ahi se regula a forma da admissão dos confrades; os casos da sua expulsão da confraria; a quantia que pagarão assim na entrada, como em cada anno. Ahi igualmente se cominam as penas, em que incorrerão os inquietos, os turbulentos, os desobedientes aos mandados do mordomo, os offensores dos seus confrades, e essas penas se aggravam no caso de algum confrade desprezar o foro de seus confrades, e se ir queixar a outros juizes, e receber direito por elles. Ahi se ordena o modo como entre si se assistirão em suas enfermidades, e em artigo de morte; como se haverão nos enterramentos, e que suffragios applicarão por alma dos confrades defuntos; como se assistirão ou acudirão quando caírem em prisão, ou forem em captiveiro; ou quando quizerem ir a Jerusalem, ou a S. Thiago. Ordena tambem o compromisso que os confrades jantem todos na casa da dita albergaria no domingo antes de S. Miguel, e partam de seu jantar com os pobres; e que no 1.^o domingo de cada mez se juntem todos em cabido.

Depois d'estes documentos vem a lista dos confrades, que comprehende outro caderno de pergaminho de 13 paginas a duas columnas (2). São ao todo 547 entre homens e mulheres. No numero d'estas ha 35

com tratamento de *Dom*, e são nomeadas sem patronimico, nem appellido. Uns nomes são ainda agora usados e communs, como por exemplo, D. Maria, D. Margarida, etc. outros são hoje raros, e até obsoletos, como, D. Boa, D. Causta, D. Gontinha, D. Mertola, D. Ousenda, D. Orraca, D. Toda. As que não trazem *Dom* todas tem patronimico, e abundam as Marias e Domingas; e entre os nomes obsoletos ha *Stevainha*, *Durança*, *Camarinha*, *Aurada*, *Giralda*. Homens com *Dom* vem alguns, mas em menor numero. Este caderno dos nomes é da mesma letra dos outros documentos, e indica ser todo feito de uma assentada. O que cumpre advertir, para que se não julgue ser algum livro de matricula, em que se fossem assentando os confrades na successão dos tempos. Apenas á margem do caderno, e nos logares em branco se assentaram depois alguns nomes; mas nenhum mais moderno que o seculo 15.^o Perdido o fervor dos antigos tempos, decaída a povoação de S. Pedro, foi-se offuscando a memoria dos artigos do compromisso, cessou a distribuição das esmollas e o agazalho dos pobres, dissolveu-se a confraria, demoliram-se as casas da albergaria, e converteu-se em proveito particular o que fôra instituido para beneficio commum.

Afim de salvar o pouco que restava d'esta antiquissima instituição, por provisão da junta do estado e casa de Bragança de 17 de janeiro de 1817, foi incorporada e annexada ao hospital da villa, e este tomou posse a 20 de abril do mesmo anno (3).

Será curioso para os archeologos comparar o compromisso d'esta confraria com outros da mesma epocha, identicos no pensamento, e quasi identicos nas palavras. Apontarei aqui dous, que tenho á vista; um da confraria, que fizeram os homens bons moradores na cidade de Evora, que foram a Jerusalem; e outro da confraria da Alegria, que fizeram os bons homens da Ameixoeira: o 1.^o registado no livro 1.^o de pergaminho no cartorio da camara de Evora a fl. 140 v.; e o 2.^o existente no proprio pergaminho original entre os manuscriptos da bibliotheca publica eborense.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

XI.

Renasce e propaga-se o espirito de rebellião; guerra com Veneza; sabia administração dos dous Kuprulis; triumphos em Candia e na Hungria; perdem os turcos a batalha de S. Gothard; cerco de Vienna d'Austria; destroço do exercito ottomano; novas desgraças e revollas no paiz.

Os IMMENSOS serviços prestados por Amurath IV á sua patria foram annullados em grande parte por um acto de ferocidade d'este mesmo principe, que excitado por um sentimento de ciúme de poder mandou matar seu irmão Kacim, mancebo de muitas esperanças pelos dotes singulares que o distinguíam. Resultou pois d'este crime, que morrendo Amurath sem descendencia, passou o throno a seu irmão Ibrahim, incapaz de continuar a obra da regeneração do paiz, que aquelle soberano principiára e tão longe levára.

Ibrahim que devêra á fraqueza do corpo e do es-

(1) Cartorio do hospital.

(2) Ibid.

(3) Ibid.

pirito a fortuna de se ter subtraído á sorte do desditoso Kacim, foi proclamado imperador em fevereiro de 1640, e aos vinte e quatro annos de idade. Destituído inteiramente de energia e das mais qualidades precisas a um monarcha, todo entregue aos prazeres do harem, e abandonando a gerencia dos negocios publicos aos validos e intrigantes, este principe arredou desde logo de si as sympathias da nação. Mais tarde a crueza da sua indole, manifestada por continuos actos de flagrante injustiça e inhumanidade, attraheu sobre elle a animadversão geral. Entretanto a ordem publica achava-se assentada em taes bases pelo seu illustre predecessor, a auctoridade real readquirira tanto prestigio, e o exercito tão severa disciplina, que apesar de tudo marcharam os negocios do estado sem grave transtorno da tranquillidade em quasi todo o curso do seu reinado, que não chegou a completar nove annos. Porém a final tanto desleixo e desregramento, tantos excessos e violencias provocaram a resistencia armada. Ibrahim foi deposto no meio de uma sublevação, em que tomaram parte igualmente a tropa e o povo, e dez dias depois foi assassinado na prisão onde o haviam encerrado (agosto de 1648).

Este curto periodo foi bem desastroso para a Turquia. Todos os laços sociaes que Amurath IV com tanto custo apertára, se relaxaram de um modo assustador; e a fazenda publica, que este monarcha conseguira restaurar por meio de tanto trabalho e sacrificios, chegou ao maior auge de confusão e miseria, depois de esgotados todos os recursos ordinarios pelas dissipações e prodigalidades de Ibrahim. Todavia como resultado d'aquelle grande impulso vieram ainda alguns raios de gloria dourar os annos do imperio n'este reinado infeliz. Tendo rompido a guerra no anno de 1645 entre a Sublime Porta e a republica de Veneza, as armas ottomanas alcançaram assignalados triumphos na ilha de Candia, apoderando-se de uma parte d'ella, e facilitando assim ao futuro soberano a conquista de toda esta importantissima possessão veneziana.

A revolução que despojou do poder a Ibrahim elevou ao throno seu filho Mahomet IV, que apenas contava sete annos de idade. Durante a sua menoridade desenvolveram-se ainda mais os elementos anarchicos, que o mau governo e devassidões de Ibrahim haviam feito nascer. O poder foi disputado alternativamente entre as sultanas mãe e avó do joven sultão, e o musti e varios grão-vizires. Então o espirito de rebellião espalha-se por todo o imperio. Rebenta a guerra civil na Asia menor; revoltam-se as tropas na ilha de Candia, tendo na frente o inimigo; apparecem serios disturbios na Syria, no Egypto e na Anatolia, insurreccionam-se na capital os sypahis e os janisaros, sacrificando ao seu furor muitos altos funcionarios; e finalmente uma revolução no interior do palacio do sultão tira a vida á sultana avó, e põe em perigo o throno d'este soberano.

Ao mesmo tempo que estas dissensões intestinas abalavam o imperio nos seus fundamentos, a guerra com a republica de Veneza, progredindo activamente com successos varios, tanto no mar como em terra, exauria o thesouro, e extenuava o paiz.

Assim correram os primeiros oito annos do reinado de Mahomet IV, e continuariam os seguintes do mesmo modo, attento o character fraco d'este soberano, se não viera a energia e intelligencia de um habil ministro dar novo curso aos negocios do estado. Kupruli Mahomet Pachá, elevado ao grão-vizirato no anno de 1656 fez mudar em pouco tempo a face das cousas publicas. Teve de lutar com mil abu-

sos e oppostos interesses, que romperam em rebellião aberta em diversas provincias do imperio. Empreendendo porém a seu turno o rigor e a clemencia conseguiu supplantar todas as rivalidades, e vencer todos os obstaculos, acabando com a ingerencia do harem no governo do estado, e com todas as influencias estranhas. Desenvolvendo uma actividade extraordinaria, apezar da sua idade avançada, collocou o paiz em bom estado de defeza, construindo muitos fortes, augmentando o exercito, e melhorando a sua disciplina, bastante relaxada desde o começo do anterior reinado. Sob a sua illustrada administração cresceram os rendimentos do thesouro, e puzeram-se em acção muitos recursos do paiz até ali ainda não explorados.

Com o fim de moralisar o exercito e exaltar o espirito nacional empreendeu a guerra com a Hungria, sem deixar todavia de activar a lucta ha muito travada com a republica de Veneza, e decidiu o sultão a trocar a vida ociosa em que vivia pelos cuidados do governo e pelos trabalhos da guerra.

Kupruli morreu em 1662, cinco annos depois da sua elevação ao poder. A sua falta foi para a Turqui uma grave perda, e seria irreparavel se lhe não succedesse no grão-vizirato seu filho, por elle proprio indicado ao sultão como a pessoa mais apta para sustentar tão pezado cargo.

Nunca as redeas do governo tinham sido confiadas a um ministro tão goven. Achmet Kupruli contava vinte e seis annos, quando se viu collocado á frente dos destinos da sua patria. Houve-se todavia com habilidade e prudencia no desempenho d'esta difficil missão, continuando no mesmo systema de politica que seu pae seguira.

Um dos seus primeiros cuidados foi dar novo impulso á guerra da Hungria. Depois de bem apercebido para todas as eventualidades, toma o commando do exercito, invade o territorio hungaro, e estrea-se n'esta campanha por uma grande victoria, que entrega em poder dos turcos uma das mais fortes praças de guerra da Hungria.

Contando os triumphos pelas batalhas, avançando desassombradamente pelo interior do paiz, o joven grão-vizir levou por toda a Allemanha o terror das armas ottomanas. Leopoldo I, que então occupava o throno imperial, viu-se obrigado a fazer os ultimos esforços para oppôr um dique á torrente invasora. Levanta á pressa novas tropas, pede auxilio a Luiz XIV, que lhe envia seis mil homens, commandados pelo distincto e celebre marechal duque de la Teuillade, e assim reforçado vem offerecer batalha a Kupruli, que é completamente derrotado junto a S. Gothard, com perda de vinte e cinco mil homens. E foi este o mais memoravel triumpho obtido pelos exercitos christãos contra os mussulmanos desde a tomada de Constantinopla por Mahomet II. Entretanto á presença d'animo e extraordinaria actividade do grão-vizir deveu a Turquia a salvagão das reliquias do seu grande exercito, e o que é mais para admirar, a conservagão de muitas praças importantes d'onde as armas victoriosas de Leopoldo não puderam desalojar o estandarte das meias luas. Achmet Kupruli, vendo que não podia tomar a offensiva depois das gravissimas perdas, que soffrera n'aquelle desastre, tratou immediatamente de recolher-se a seu paiz; mas tendo conseguido primeiro, pela celeridade e acerto de seus movimentos, deixar bem guarnecidos varios pontos estrategicos, constrangeu o inimigo a concluir um tratado de paz muito mais vantajoso para o vencido do que para o vencedor. D'est'arte os festejos que se estavam fazendo em Constantinopla pelas noticia das primeiras victorias alcançadas na Hungria, interrom-

pidos ao chegar a nova da derrota de S. Gothard, recommencaram com maior enthusiasmo assim que foram conhecidas na capital as estipulações do tratado (agosto de 1664).

Em maio de 1666 o infatigavel grão-vizir atravessava a Asia menor com um forte exercito, e ao mesmo tempo saía dos Dardanellos uma poderosa esquadra. Tanto as forças de terra como as de mar iam para a conquista de Candia.

Havia vinte e cinco annos que durava tão porfiosa guerra. Até então todos os esforços do imperio ottomano, e por vezes os fizera desesperados, iam quebrar-se contra as fortes muralhas da cidade de Candia heroicamente defendidas pelos venezianos. Achmet Kupruli, bem avaliando todo o alcance d'esta conquista pela riqueza da ilha, mais ainda pela sua posição geographica, e sobretudo pela importancia politica, que resultaria para a Turquia de supplantar Veneza, a senhora dos mares, na questão que mais tinha a peito, poz todo o seu empenho em a levar d'esta vez a cabo.

O assedio durou ainda muitos mezes. Praticaram-se de parte a parte prodigios de valor. Aos lanços de muralhas, que as minas faziam saltar pelos ares, substituiam os sitiados como por encanto novas fortificações. Finalmente depois de muitos assaltos mortiferos em que o exercito mussulmano perdeu para cima de outo mil homens; depois de renhidos combates navaes nas aguas de Candia entre as esquadras turcas e as de Veneza, combinadas com as de França e de Malta, a cidade foi obrigada a capitular (27 de setembro de 1669).

Kupruli usou do triumpho como um verdadeiro heroe. Longe de tirar vingança de tão tenaz resistencia, assignalou a sua entrada na cidade por muitos actos de generosidade e clemencia, chegando até a presentear com varios mimos os que mais se haviam distinguido em rasgos de valor e coragem. Calcula-se que nos 25 annos, que durou este cerco, morreram nos diversos assaltos obra de trinta mil venezianos, e mais de cem mil turcos.

O vencedor pouco descansou sobre os louros, pois não tardou a rebenotar a guerra entre a Porta e a Polonia (1672). Foi n'esta campanha principalmente, que o illustre Sobieski, commandante em chefe do exercito polaco, adquiriu tal jus ao reconhecimento dos seus concidadãos, que antes d'ella acabar foi elevado ao throno da Polonia pelo suffragio unanime da dieta.

Até 1676 progrediu a lucta com mais ou menos vigor, e com vantagens e perdas alternadas para ambos os contendores. Em outubro d'esse anno falleceu Kupruli victima de uma curta e violenta enfermidade. A sua falta foi tão sentida pelo soberano como por toda a nação, pois que nunca a Turquia vira reunidos na pessoa do seu grão-vizir tantos dotes de um grande ministro a par de tantas qualidades distinctas de uma alma nobre e de um coração bondoso. Nos quinze annos, que dirigiu o governo do estado organisou por tal forma o paiz, e elevou a tal ponto a sua força e poder, que esse mesmo imperio, que pouco antes viramos tão enfraquecido e decadente, perdendo diariamente no exterior consideração e influencia, e no interior sempre a braços com os mais fortes elementos de dissolução, viu mol-o pouco depois lançando outra vez a luva á Europa, e enchendo-a de espanto e terror, como fizera nos tempos dourados do seu antigo poderio e esplendor.

Cara Mustaphá succedeu a Kupruli Achmet nas altas funções de grão-vizir. Não possuia este ministro uma só das brilhantes qualidades que distinguiam

o seu illustre antecessor. Todavia o impulso dado ao paiz pela sabia administração dos dous Kuprulis, imprimia ainda tal movimento a toda a machina governativa, que nos primeiros tempos não deixou sentir á nação a insufficiencia dos talentos e o mau character do seu primeiro ministro.

A guerra com a Russia foi um dos primeiros actos da politica do novo grão-vizir. Entretanto a lucta foi de pouca duração, e sem consequencias importantes de parte a parte. Para empregar todas as forças e atensões contra a Allemanha, foco então de todas ás intrigas contra a Turquia, e ao mesmo tempo alvo das ambições mussulmanas, concluiu o sultão com a Russia treguas por vinte annos. E pouco tempo depois estava em marcha para a Hungria um exercito de 200 mil homens. Auxiliados pelo conde de Tekeli, que á frente dos descontentes húngaros levantára o estandarte da revolta, fazendo-se proclamar soberano, e reconhecendo a suzerania da Porta, os ottomanos atravessaram o paiz quasi sem resistencia vindo pôr cerco a Vienna d'Austria (14 de julho de 1683).

A' aproximação do inimigo fugira da sua capital o imperador Leopoldo, deixando apenas 10 mil homens para a defender. Extenuada por continuados assaltos parciaes, dizimada pela explosão de 40 minas, apertada da fome que já começava a fazer sentir os seus horrores, a brava guarnição de Vienna, sem esperanza de soccorro, estava prestes a succumbir, quando apparece de improviso o intrepido rei da Polonia com 30 mil soldados. E n'um momento mudou a face da guerra.

Animado por este inesperado auxilio o exercito allemão, que até ali não se atrevêra a encarar o inimigo, vem dar batalha aos sitiados. No fim de poucas horas de renhida peleja o poderoso exercito de Mahomet IV, destroçado completamente junto aos muros de Vienna, procurava a marchas forçadas ganhar a fronteira da Turquia, e Sobieski, cercado das aclamações do povo, fazia a sua entrada triumphal na cidade que libertára.

D'est'arte se frustrou inteiramente a ousada empreza do grão-vizir Cara Mustaphá por incapacidade sua, que em vez de tentar um assalto geral á praça, dispondo de forças tão consideraveis, consumiu dous mezes em ataques parciaes, dando assim tempo ao inimigo de se reorganisar e reforçar com o soccorro dos polacos. Esta expedição, que poz no ultimo perigo o imperio d'Allemanha, e que se alcançara seus fins faria sem duvida passar a Europa por uma phase terrivel, acarretou sobre a Turquia pelo malogro da tentativa as mais fataes consequencias.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

BIBLIOGRAPHIA.

A Natureza das Cousas, poema de Tilo Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão. — Lisboa 1851 — 1853, 2 vol. 12.^o (1).

O POEMA de Lucrecio corre vertido em quasi todas as linguas da Europa. Para o ser na nossa foi ne-

(1) Vende-se na livraria do editor, rua do Ouro, numeros 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta, n.^o 8; preço 800 réis.

cessario que o sr. Lima Leitão tivesse essa idéa no Rio de Janeiro, começasse a obra em Goa, e a concluisse em Lisboa passados muitos annos. E não só a concluiu, senão que a deu agora ao prelo.

Objecto é de grande disputa entre os criticos qual seja o verdadeiro sentido da philosophia atomistica de Epicuro, popularisada em Roma pelo poema de Lucrecio. Não entraremos aqui em largas considerações sobre a doutrina do philosopho grego; bastará dizer que sobre elle, e sobre o seu interprete latino tem pezado duas graves accusações, a de atheismo, e a de immoralidade; de ambas as quaes os absolvem os melhores criticos.

Se a palavra *Deus* se não encontra no poema de Lucrecio, a idéa de Deus lá está. E pois Lucrecio não atheu, mas deista, pouco mais ou menos como o eram os stoicos, e os platonicos da nova academia; deista incompleto, como se podia ser no seu tempo. Nem tão pouco negou Lucrecio os principios da moral, ou as obrigações que d'ella se derivam. Não se pode exigir de Lucrecio um systema completo de moral, nem seus contemporaneos estavam mais adiantados que elle.

Em poemas d'esta ordem o que lhes dá relevo, e faz aprazivel sua leitura no decurso das idades futuras é a propriedade das imagens, e a belleza das descripções. Não faltam uma e outra na obra de Lucrecio. D'elle diz o traductor francez Pongerville que anima quanto toca, desenvolvendo por imagens os seus raciocinios; d'onde vem que se mostra quasi sempre poeta nos mais estereis assumptos; e que applica incessantemente o condão da arte a captivar a imaginação.

Eis como elle começa a descripção das magestosas scenas vulcanicas do Etna:

Nunc ratio quæ sit, per fauceis montis ut Ætnæ
Exspirent ignes interdum turbine tanto,
Expeditam: neque enim media de clade coorta
Flammæ tempestas, sicutum dominata per agros,
Finitimis ad se convertit gentibus ora,
Fumida cum cœli scintillare omnia templa
Cernentes pavida complebant pectora cura,
Quid moliretur rerum Natura novarum.

Num quis enim nostrum miratur, si quis in artus
Acceptit calido Febrim fervore coortam,
Aut alium quemvis Morbi per membra dolorem?
Obturgescit enim subito Pes, arripit acer
Sæpe dolor Denteis, oculos invadit in ipsos:
Exsistit sacer ignis, et urit corpore serpens
Quamcumque arripuit partem, repit que per artus;
Nimirum, quia sunt multarum semina rerum:
Et satis hæc Tellus nobis Cælum que mali fert,
Unde queat vis immensi procreare morbi.
Sic igitur toti cœlo terræ que putandum 'st
Ex infinito satis omnia suppeditare,
Unde repente queat Tellus concussa moveri,
Per que mare et terras rapidus percurretur turbo,
Ignis abundare Ætnæus, flammescere Cælum.
Id quoque enim fit, et ardescunt cœlestia templa,
Ut tempestates pluvie graviore coortu
Sunt, ubi forte ita se tetulerunt semina aquarum.

Tradução do senhor Lima Leitão.

Direi agora que razão existe
Para que fogo em turbilhões tão bastos
A's vezes rompa pelas fauces do Etna.
De estragos cheia, horrivel tempestade
Não rebentou do céu envolta em flammæ
Sobre os sículos campos desolados

Para escalar-lhe d'esse monte o cimo,
E no bojo alojar-se-lhe, de sorte
Que alternas erupções soltasse aos ares;
Ao passo que os visinhos habitantes,
Vendo encher-se as abobadas celestes
De fogo em turbilhões, de fumo em rolos,
De terror se tomavam antevendo
A nova ruina que contra elles prompta
Trazendo-lhe estava a Natureza.

Qual de nós se surprende quando a febre
Com seu fervor ardente a alguém invade,
Ou quaesquer dores de alguma outra doença?
Tambem os pés com força repentina
Entumecem por vezes, dor violenta
Ataca os dentes, accommette os olhos;
Todas a erysipela as partes queima
Por onde vae lavrando, e ás vezes como
Pela inteira extensão do corpo e membros
Sem que ninguem se admire; é-nos notorio
Que exhalções de muitos corpos surgem;
Pois d'esta nossa terra e seu ambiente
Doenças se geram de tão grande força
Que a toda a especie viva o estrago levam.
Por tanto, é para crer que a natureza,
Na sua qualidade de infinita
Sobre o céu, sobre a terra descarregue
Atomos de tal força e em tal quantia
Que abalar possam de repente o globo,
Rapidos turbilhões formar que abranjam
Tudo quanto ha no mar, quanto ha na terra,
Fornecer quanto fogo do Etna rompa,
O céu inteiro reduzir a chammas.
De certo, pode a abobada celeste
Naturalmente converter-se em fogo,
Como quando, em mais copia nas tormentas
Juntando-se as moleculas das aguas,
Maior pezo de chuva a terra innunda.

Esta amostra basta ao leitor para conhecer quanto devemos agradecer ao sr. Lima Leitão o improbo trabalho de verter com tal exactão e elegancia o difficil poema de Lucrecio. E cumpre confessar que a traducção d'este poema não desmerece da penna do esmerado traductor de Virgilio e de Milton. Será para desejar que o sr. Lima Leitão continue a occupar os momentos de repouso, que lhe deixam outros trabalhos, em enriquecer a lingua portugueza concedendo carta de naturalisação a outros poetas, principalmente latinos, cuja leitura e estudo são dignos das applicações dos sabios, e dos entretenimentos dos estudiosos.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

SALOMÃO E O AGRICULTOR.

O rei Salomão sentou-se um dia em seu throno, levantado no meio de um campo, e viu um lavrador que estava semeando trigo. E o sabio rei disse-lhe: «Que estás tu fazendo? Essa terra não te dará novidade. Deixa-te de trabalhar, ou perderás a semente.»

O lavrador parou, abaixou a cabeça, reflectiu um bocado, e depois proseguiu no seu trabalho com dobrado fervor, respondendo ao rei:

— «Eu não tenho de meu senão este campo; foi lavrado o melhor que pude. Que hei de fazer mais? Eu semeiei-o; Deus o abençoará.»

RUCKERT.